

## **A ética nas relações entre tutores e alunos em ambientes virtuais de aprendizagem: um olhar bakhtiniano sobre a identidade e a alteridade**

Prof. Mestre Shirlei Marly Alves<sup>1</sup> (UESPI)

### **Resumo:**

Este artigo tem por objetivo propor uma reflexão, a partir da concepção do ato ético responsável, de Mikhail Bakhtin, acerca das relações entre tutores e alunos em cursos de educação a distância, focalizando o fato de que esses agentes entretecem um convívio mediado pelas novas tecnologias de informação e comunicação possibilitadas pelo avanço da informática, as quais promovem significativas alterações no modo como se estabelecem identidade e alteridade nas interações pedagógicas, manifestadas em seus discursos. No confronto entre o discurso regulatório da sua atividade e na eventicidade de cada ato singular junto aos alunos, emerge uma dimensão importante para a construção da identidade do tutor.

**Palavras-chave:** educação a distância, ambiente virtual de aprendizagem, identidade do tutor, ato ético responsável

### **Abstract:**

This article aims at proposing a reflection, from the conception of the ethical act responsibly, Mikhail Bakhtin, on the relationships between tutors and students in distance education, focusing on the fact that these agents weave a living mediated by new technologies information and communication made possible by advances in information technology, which promote significant changes in how they establish identity and otherness in educational interactions, manifested in his speeches. In the confrontation between the speech of its regulatory activity and event at a singular act with the students, there emerges an important dimension to the construction of the identity of the tutor.

**Keywords:** distance education, virtual learning environment, identity of the tutor, act ethically responsible

---

## Introdução

Uma característica inerente à educação a distância (doravante EAD) é o fato de estarem alunos e professores situados em lugares diferentes, interagindo em tempos diversos através das mídias de comunicação, tanto impressas, quanto eletrônicas, sendo que, mais recentemente, os recursos da informática tornaram-se mais rotineiros, em razão do amplo acesso à informação e a canais de comunicação possíveis na rede mundial de computadores onde se disponibilizam todas as outras mídias (escrita, sonora, audiovisual).

O encontro pedagógico, ou andragógico<sup>2</sup>, como preconizam alguns autores, ocorre, assim, num espaço desterritorializado geograficamente, o que promove profundas alterações no processo educativo, já que este se realiza, agora, no ciberespaço, o qual se configura como o “hipertexto mundial interativo onde cada um pode um adicionar, retirar, modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante.” (LEMOS, 2002, 131). Essa configuração promove uma série de alterações nos modos de organizar o processo de ensino-aprendizagem, destacando-se as formas como se constroem as relações entre os participantes de cursos a distância.

Neste trabalho, abordamos a identidade do tutor, docente que atua nos ambientes virtuais de aprendizagem da EAD, colocando em foco questões éticas no delineamento do perfil e das atribuições desse profissional no âmbito do entretencimento das relações com os alunos. Essa particularidade da ação pedagógica que se dá a distância faz emergir uma outra forma de estar junto, uma nova feição do eu e do outro que se encontram numa ambiente virtual

Sem estar fisicamente próximos, esses sujeitos se envolvem em interações discursivas (síncronas ou assíncronas), em diversos gêneros de texto (fórum, *chat*, perfil, *wiki*, por exemplo). Tornam-se, nesse novo jogo de relações, sujeitos efetivamente discursivos, no sentido mais literal da expressão. Assim sendo, ao tempo em que esses atores da cena educativa desaparecem do campo visual um do outro (com exceção de algumas situações em que se faz uso de videoconferência ou de videoaulas), se empreende todo um esforço para compensar essa “desvisualização” com outros recursos, que incidem, principalmente na forma de usar a linguagem verbal e a imagem. Sobre esse aspecto, Francisco; Machado e Axt (2004) chamam a

---

<sup>2</sup> Andragogia, segundo Chotguis (*on line*), é “a arte e a ciência de ajudar o adulto a aprender.” O maior contingente cursando EAD é de pessoas adultas, em razão das características específicas dessa modalidade, que requer um maior controle disciplinar e autonomia nos estudos.

atenção para o fato de que, “[...] a ausência do corpo constitui-se enquanto limite e desafio para a relação [...]”

Sobre essa peculiaridade da EAD, a de tutores e alunos se identificarem em discurso, buscando compensar, na convivência virtual, a ausência da presencialidade corpórea, e ainda considerando os limites e os desafios para o tutor, “trabalhador (ou grupo de trabalhadores) designado(s) para fazer o acompanhamento pedagógico dos alunos no ambiente virtual de aprendizagem (AVA)” (MILL, *on line*), adotamos como ponto de partida para esta reflexão a seguinte indagação posta por Fiorentini (2009, p. 138): “Como estruturar a docência preservando o protagonismo e a condição do aprendiz e, ao mesmo tempo, proporcionar-lhe experiências significativas?”.

A escolha dessa questão se justifica pelo fato de nela se evidenciar a ação da docência voltada para a construção do outro (o aprendiz, o aluno), notadamente com o trabalho do professor ou do tutor visando desenvolver nesse outro o protagonismo, a autonomia e a construção do conhecimento. Isso, sem dúvida, requer uma abordagem que remete à ética, em princípio, por que, conforme Araújo (2005, p. 09), “nesse campo, uma questão central se constitui como tema perene: a reflexão sobre a ação humana”.

Sendo a nossa proposta discutir a ação do tutor no entretencimento das relações com o outro, no caso o aluno da EAD, e considerando a intensa discussão que vem sendo travada acerca das alterações nos modos de interação pedagógica que se concretiza em ambientes virtuais, é na ação humana do docente, ou seja, na ação do tutor, considerada em seu aspecto ético, que postulamos estar um foco importante para a elucidação das questões postas acerca dessa nova problemática.

A tentativa de resposta que interpomos à questão levantada pela referida autora situa-se, pois, para além normatizações sobre as atitudes pedagógicas do docente tutor, encontradas na maior parte dos trabalhos sobre tutoria em EAD, como se verificará adiante. Nosso empreendimento reflexivo toma como base as postulações de Mikhail Bakhtin acerca do ato ético responsável.

### **A ação do tutor em EAD e a perspectiva do ato ético responsável**

Tendo em vista que, em razão de seu histórico, a EAD ainda é considerada por muitos como uma forma precária de educar, ou uma educação de segunda classe, é salutar que a ética

seja incluída como uma pauta necessária nas discussões que se ampliam sobre essa modalidade educativa, já que “a reflexão ética visa traçar um itinerário conducente à experiência cotidiana da Dignidade, gera necessariamente uma sabedoria capaz de propiciar verdades sobre a vida, vocacionada a pensar os argumentos humanos para o afrontamento do erro, da injustiça, da desordem e da violência.” (ARAÚJO, 2005, p. 08). Nesse sentido, avançar rumo a uma compreensão mais profunda sobre o modo como se constitui, ou deve se constituir, uma ética do tutor frente ao aluno é, também, contribuir para superar visões preconceituosas, na medida em que faz emergir uma sabedoria que sustenta a reflexão crítica e ativa firmadora de uma ação educativa calcada na verdade, na justiça e no amor. Essa perspectiva contribui ainda para a consideração da tutoria em uma dimensão que, necessariamente, deve perpassar toda a ação educativo, qual seja, a dimensão ética.

Bakhtin (1993) insiste que o Ser se traduz pelo processo inacabado do devir, marcado pelos eventos sucessivos em que se insere e participa da vida. Conhecer eticamente o ser impõe, assim, uma atitude – ética – que não desconsidere a sua condição inerente. Estabelece, nesse sentido, uma dualidade entre esse ser-evento e o ser construído pela cultura, que envolve a ciência, a história e a atividade estética.

Dirigindo um olhar, a partir dessa perspectiva, para o empreendimento educativo no campo da EAD, consideramos que uma ação necessária no que diz respeito ao tutor e ao aluno é concebê-los no âmbito cotidiano de suas relações, síncronas ou assíncronas, situadas, um existir-evento, que se dá a cada encontro, seja num fórum de discussão, numa mensagem enviada por e-mail, num bate papo em *chats*, no compartilhamento do texto em *wikis*. O conhecer eticamente o outro deve sobrelevar esse olhar responsável por parte do tutor, não indiferente às diferenças. Isso não implica em se menosprezar o discurso construído sobre o que é ser tutor e aluno em EAD, mas em ter presente que

O ato da atividade de cada um, da experiência que cada um vive, olha, como um Jano bifronte, em duas direções opostas: para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a singularidade irrepetível da vida que se vive, mas não há um plano unitário e único em que as duas faces se determinem reciprocamente em relação a uma unidade única. (BAKHTIN, 2010, p. 43).

A esse respeito, a perspectiva bakhtiniana do ato ético responsável nos leva a considerar primeiramente a cisão entre os discursos da ciência, da história, da estética e o ato em si, como evento, sendo que “todas essas atividades estabelecem uma separação de princípio entre o

conteúdo-sentido de um determinado ato-atividade e a realidade histórica de seu existir, sua vivência realmente irrepetível; como consequência, este ato perde precisamente o seu valor, a sua unidade de vivo vir a ser e autodeterminação” (BAKHTIN, 2010, p.42).

A perda que o discurso abstrato imprime ao ato vivido é inevitável, criando-se, assim dois mundos comunicáveis e mutuamente impenetráveis, embora não inconciliáveis. Tem-se, pois, o mundo da cultura e mundo da vida, sendo este o mundo em que se dão os fatos no seu devir, na sua irrepetibilidade, o qual as pessoas criam, conhecem, contemplam, vivem e morrem. Desse modo, é preciso conhecer os discursos sobre a identidade do tutor, consubstanciada em suas ações, os quais, em grande parte, se estruturam como preceitos, normas, regulações que homogeneizam a construção identitária do tutor, como se constata nas orientações de autores como Maia (2002, p.14), o qual assinala ser fundamental que

o tutor tenha competência tecnológica para agir com naturalidade, agilidade e aptidão no ambiente tecnológico que está utilizando. É preciso ser um hábil navegador e pesquisador da rede, conhecer sites de busca e pesquisa bem como ter intimidade com envio e recebimento de e-mails, netiqueta, participar de listas e fóruns de discussão, ter sido mediador em algum *e-group* ou tenha familiaridade de alguma comunidade virtual de aprendizagem.

Tais descrições, que funcionam como discursos normatizadores e regulatórios, compõem os discursos teóricos, que abstraem do fazer cotidiano dos tutores aquilo que se consideram componentes necessários para tornar exitosa a ação de educar em ambientes virtuais. Tem-se como pressuposto que os conhecimentos e as habilidades manifestas darão segurança e eficiência às interações educativas entre tutores e alunos, sendo comum a diversas instituições elaborarem Manuais de Tutoria como uma forma de garantir que esse profissional seguirá as “receitas” de ação em prol da efetividade do seu trabalho.

Também Niskier (1999, p. 391), destacando ser o tutor o elemento estimulante e orientador para o autodesenvolvimento do aluno, lista as seguintes ações como necessárias à eficácia da ação tutorial:

- i. Comentar os trabalhos realizados pelos alunos;
- ii. Corrigir as avaliações escritas dos estudantes;
- iii. Ajudar os estudantes através de discussões e explicações para que compreendam os materiais dos cursos;
- iv. Responder as questões sobre a instituição;

- v. Ajudar aos estudantes para que planejem seu trabalho;
- vi. Organizar círculos de estudo;
- vii. Fornecer informações por telefone, fax e e-mail;
- viii. Supervisionar trabalhos práticos e projetos;
- ix. Apresentar-se em encontros periódicos;
- x. Atualizar informações sobre o progresso dos estudantes;
- xi. Servir de intermediário entre a instituição e os estudantes.

Percebe-se, nessas postulações, que a interação do estudante é mais enfatizada que em Maia (supramencionado), com uma ênfase maior na resposta que o tutor deve fornecer ao aluno, entretanto, em ambos os autores, assim como em vários outros trabalhos que temos analisado, se evidencia uma ação mecanizada, calcada em domínio das ferramentas e recursos tecnológicos, ou nos diversas formas de *feedback* que o tutor deve dar ao aluno, com pouco investimento em pensar da identidade do tutor construída na contínuas interações com os alunos nos AVA.

Tais preceitos constituem o que se pode chamar do discurso abstrato, ou o conteúdo-sentido da atividade do tutor, de acordo com Bakhtin (op. cit.). Em face dessas regulações, que penetram como discurso do dever na formação do tutor e lhes dão um direcionamento de responsabilidade, não se pode, no entanto, desconsiderar o existir concreto, que institui a responsabilidade moral, a qual instaura no encontro com o outro, tornando a alteridade um elemento necessário para que o tutor se reconheça e se construa no existir concreto junto aos alunos. Ademais, considerando a questão do dever, afirma Bakhtin (op. cit., p. 46):

[...] De fato o dever se revela apenas na correlação da verdade (válida em si mesma) com a ação cognitiva real de cada um de nós, e tal momento único é sempre um ato individual, que não afeta em nada a validade teórica objetiva do juízo – é um ato que é avaliável e imputável no contexto único da vida real única de um sujeito.

Nessa perspectiva, a ação tutorial, regulada e normatizada teoricamente, configurando-se, assim, como um dever a cumprir em função do que se busca formar no aluno da EAD, será tanto mais verídica quanto mais for eivada de uma cognição por parte do tutor a cada ato real, singular de seu trabalho cotidiano junto ao aluno. Isso porque “Para o dever não é suficiente apenas a

veracidade, <é necessário><sup>3</sup> o ato da resposta do sujeito, que provém do seu interior, a ação do reconhecimento da veracidade do dever [...].”

É preciso enfatizar que são distintos o valor do conteúdo constituído por meio da cognição abstrata e o do conteúdo produzido pela experiência vivida, já que o primeiro é dado, posto (ou imposto), generalizante, enquanto o segundo o é constituído ininterruptamente em cada ato (em sua eventicidade) maneira emocional-volitiva. “Trata-se de um pensamento que age, que entona, circunscrevendo todo o conteúdo-sentido no *ato executado*, relacionando-o ao ser-evento único. E, assim procedendo, procura expressar a verdade de um todo, de um dado momento, em sua unicidade irrepetível” (BAKHTIN, 1993, p. 34 e 38).

Desse modo, na atividade do tutor, a regulação constitui um conjunto de elementos que se presumem inerentes, necessários, adequados, mas, em outra dimensão, está o encontro cotidiano, irrepetível, de cada interação, arena de luta onde o tutor se firma e se afirma na interação com o aluno, descrito, geralmente, como um indivíduo adulto, com dificuldades para frequentar um campus de estudos presenciais, mas dotado de uma grande motivação para continuar seus estudos. Tem-se, assim, descrições de tutores e alunos compondo um discurso identitário já dado, o qual se confronta com o devir da atividade ordinária, eventual, singular em que tutor e alunos se defrontam, se limitam e delimitam, formando-se continuamente na interrelação um com o outro, dialogando através dos seus discursos. Nesse sentido, é preciso considerar na atividade do tutor, como postula Bakhtin, que

Mesmo que eu conheça inteiramente uma dada pessoa, e também conheça a mim mesmo, eu ainda tenho que captar a verdade de nossa interrelação, a verdade do evento único e unitário que nos liga e do qual somos participantes. Isto é, o lugar e a função meus e dele, e nossa interrelação no evento do Ser em processo. (p. 35)

Sendo o discurso de natureza dialógica está sempre eivado da contrapalavra, ou do discurso do outro, em uma interação viva e tensa (BAKHTIN, op. cit.). “Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro por encontrar um outro em mim” (BAKHTIN, op. cit.). É desse modo que compreendemos a construção do ser tutor, o qual se constitui em cada evento único de que participa junto ao aluno, nas mais diversas manifestações discursivas com que esses agentes evidenciam suas identidades nos ambientes virtuais de aprendizagem.

---

<sup>3</sup> <é necessário >, na tradução do texto original de Bakhtin, manuscrito e mal conservado, muitas expressões precisaram ser inferidas, sendo sinalizadas com parênteses angulares na edição em português que serviu de consulta para o nosso trabalho.

Importante ainda considerar a relação mediada pela tecnologia, a qual, superdimensionada em seu poder de superar distâncias, de tornar presente o ausente, possibilitando encontros e educação no universo da virtualidade, também possibilita o anonimato, o falso, o disfarce. Torna-se, assim, imperativo que, no trabalho da tutoria, se pense no modo como instaura a relação via tecnologia, já que, como alerta Bakhtin (op. cit. p. 25): “Tudo que é tecnológico, quando divorciado da unidade única da vida e entregue à vontade da lei imanente do seu desenvolvimento é assustador; pode de tempos em tempos irromper nessa unidade única como uma força terrível e irresponsavelmente destrutiva”. Nesse caso, avulta ainda mais a importância do encontro com o outro (aluno) e do diálogo vivo e concreto considerado em cada interação.

O dialogismo, enquanto pressuposto conceitual-analítico, pressupõe o estabelecimento de relações de sentido, que, de acordo com Bakhtin, é um mundo no qual não há espaço para o Ser como algo determinado, válido em si mesmo, como uma verdade fundadora de um “começo” do sentido. Ao contrário, é um mundo que não oferece um “começo”, um princípio de escolha do sentido: “apenas a infinidade da avaliação e absoluta inquietação são possíveis” na perspectiva do “reconhecimento de minha participação única no Ser” (BAKHTIN, 1993, p. 44). Desse modo, uma ação dialógica como ato responsável deve orientar-se para um conteúdo-sentido que só pode ser desvelado no ser-evento e através do reconhecimento da participação única no Ser.

O ato ético responsável do tutor seria o não se estabelecer comodamente no que lhe é atribuído antecipadamente, mas de se buscar na sua autoatividade do dever ser, onde pode encontrar sua própria identidade (o seu conteúdo sentido), na confluência da consideração da eventicidade também do aluno. Desse modo, é único a cada momento, e se valida na sua autoatividade, na sua consciência responsável, nos seus (singulares) acontecimentos.

Postulamos, nesse sentido, a *responsabilidade bidirecional* da tutoria, de acordo com Bakhtin, a qual inclui a *responsabilidade especial* (em relação ao conteúdo, ao discurso científico sobre seu ser e sua identidade) e a *responsabilidade moral* (em relação ao existir, à eventicidade do ser no conjunto de cada ato evento junto aos alunos), superando “a perniciosa separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida” (idem, ibidem).

### **Considerações finais**

A proposta de pensar a identidade e ação do tutor, docente que atua nos ambientes virtuais de aprendizagem, em uma dimensão da ética do devir, conforme as postulações de Mikhail Bakhtin, configura uma abordagem que busca um alcance maior da compreensão das

relações de alteridade que se concretizam em cada singular interação desse agente com os alunos da EAD.

Aventamos que, na contraface dos discursos construídos sobre ser tutor, se intepõe considerar o Ser que se concretiza no eu tutor que participa, que age, que vive e interage, construindo-se e reconstruindo-se na eventicidade do existir concreto, não alcançável pelo discurso generalizante da teoria. Desse modo,

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Faraco e Cristóvão Tezza (versão para fins didáticos e acadêmicos). Austin: University of Texas-Press, 1993. Em formato eletrônico.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **Os Múltiplos Papéis do Professor em Educação a Distância: Uma Abordagem Centrada na Aprendizagem**. In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN. Maceió, 2007.

CHOTGUIS, José. **Andragogia: arte e ciência na aprendizagem do adulto**. Disponível em <http://www.cipead.ufpr.br>. Acesso em 12/06/2011.

FIORENTINI, Leda M. Rangearo. Aprender e ensinar com tecnologias, a distância e/ou em ambiente virtual de aprendizagem. In: SOUZA, Amaralina M. de; FIORENTINI, Leda M.; RODRIGUES, Maria A. M. **Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR)**. Brasília: Faculdade de Educação, 2009.

FRANCISCO, Deise Juliana; MACHADO, Glaucio José Couri; AXT, Margarete. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Diálogo e Processos de Subjetivação**. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt16/t164.pdf>. Acesso em: 13/07/2010.

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia, e vida social na cultura contemporânea**. Porto Seguro: Salina, 2002.

MAIA, C. **Guia brasileiro de educação a distância**. São Paulo: Esfera, 2002

MILL, Daniel. **Educação a distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia**. 2006. 322f. Tese (Doutorado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), Belo Horizonte, 2006.

NISKIER, A. **Educação a distância: a tecnologia da esperança**. São Paulo: Loyola, 1999.

<sup>1</sup> Shirlei Marly ALVES, Doutoranda em Linguística

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

shirlei.alves42@hotmail.com